

Ethan Hawke volta apavorante em 'O Telefone Preto 2'

PÁGINA 5



João Suplicy faz de seu 'Duets' um trabalho de classe

PÁGINA 6



Montagem questiona a pressa nos dias de hoje

PÁGINA 7



2º CADERNO

'As pessoas não estão mais dizendo o que realmente pensam em assuntos como raça e imigração'

Autora nigeriana afirma que parte da sociedade dos EUA se posiciona a favor do que é certo, mas depois se vira e vota em Donald Trump

Por Paola Ferreira Rosa e Walter Porto
(Folhapress)

Numa passagem pelo Brasil há dez anos, Chimamanda Ngozi Adichie disse que o país tinha dificuldade em assumir sua identidade racial - via poucos negros nos lugares que frequentou como convidada. Agora a nigeriana afirma ter notado um avanço na percepção do país sobre a própria identidade. Mas diz que "o racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um biscoito por reduzi-lo".

Uma das mais relevantes autoras da língua inglesa hoje, Chimamanda esteve no Brasil para divulgar o

novo romance "A Contagem dos Sonhos", sua primeira ficção em mais de uma década.

A escritora teve uma rotina digna de maratonista ao longo da última semana, se deslocando entre Rio e São Paulo para participar de eventos como a Bienal do Livro e o ciclo Fronteiras do Pensamento.

Ela diz que é preciso haver liberdade completa para o trabalho criativo, apontando que autores muitas vezes não escrevem os livros que realmente querem, hoje em dia, por medo de serem lidos como ofensivos ou preconceituosos. "As pessoas não estão mais dizendo o que realmente pensam em assuntos como raça e imigração. Dizem o que acham que é o certo, depois se viram e votam no Trump."

Continua na página seguinte



Manny Jefferson/Divulgação

Chimamanda Ngozi Adichie

ENTREVISTA / CHIMAMANDA NGOZE ADICHIE, ESCRITORA

‘O racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um biscoito por reduzi-lo’



Eduardo Anezelli/Folhapress

Chimamanda-Adichie nasceu em 1977. Estudou medicina e farmácia na Nigéria até se mudar para os Estados Unidos aos 19 anos para cursar comunicação e ciência política. Fez mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins e recebeu o título de mestre de artes em estudos africanos pela Universidade de Yale. Autora dos romances “Hibisco Roxo” (2003), “Meio Sol Amarelo” (2006) e “Americanah” (2013), também escreveu o livro de contos “No Seu Pescoço” (2017) e o manifesto “Sejamos Todos Feministas” (2015), adaptação de seu discurso na plataforma TED que inspirou “Flawless”, de Beyoncé.

Algo enfatizado sobre ‘A Contagem dos Sonhos’ é que a sra. começou a escrever após a morte de sua mãe e seu pai. Também é seu primeiro romance depois de se tornar mãe. O que mudou?

Chimamanda Ngoze Adichie - Minhas

frases estão mais longas. A maternidade me mudou, muda qualquer mulher. Quando engravidei, senti que meu cérebro não estava funcionando, que me tornei uma estranha para mim mesma. Eu não conseguia escrever e continuei sem conseguir por muito tempo.

Não gosto da expressão “bloqueio criativo”, mas foi o que tive. Depois, experimentar a perda dos meus pais me mudou drasticamente, e também meu trabalho. Então, há um tipo de afrouxamento. Eu não estou mais interessada em seguir regras, porque o luto faz você perceber que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Há um tipo de... Não é imprudência, mas disposição para fazer mais. Além disso, uma parte de mim sempre amou o maximalismo, mas, porque fui para uma escola de escrita americana, segui por um tempo o minimalismo. Superei isso.

A sra. afirmou no Fronteiras do Pensamento que desumanizamos as pessoas

quando as reduzimos a uma única coisa, mas é difícil desumanizar alguém cuja história é conhecida. Que indivíduos ou histórias quer humanizar com sua escrita?

Espero humanizar todos sobre os quais escrevo, mas neste romance espero que os leitores vejam a humanidade de uma mulher que foi abusada sexualmente, por meio da minha personagem Kadiatou. Ela foi inspirada em uma pessoa real [a guineense Nafisatou Diallo]. Quando mulheres passam por esse tipo de trauma e isso se torna público, as pessoas a veem apenas como alguém que foi agredida sexualmente e esquecem que são seres humanos, que sonham e riem. Fiquei impressionada com o quanto a cobertura mi-

diática da agressão sexual que ela sofreu era carente de humanidade. Ela se tornou apenas a pessoa agredida e todo o resto era negativo. Foi acusada de ser uma prostituta. Não lhe foi permitido ser humana.

Há um conclave no seu livro que impacta a vida das personagens, e sua obra foi lançada próximo a um conclave na vida real. O que acha da Igreja hoje?

Fui criada como católica e, quando era menina, amava a igreja, a missa, os dramas. Mas falar sobre religião requer complexidade e nuances. Essa religião foi imposta às pessoas. Na África, veio de mãos dadas com o colonialismo. As pessoas tinham sido colonizadas e, se quisessem avançar no novo mundo, era melhor se converter. Meu avô foi da primeira geração Igbo a se tornar cristã. Ao mesmo tempo, as pessoas pegaram o catolicismo e fizeram com ele o que quiseram. Se você vai à missa em uma pequena vila na Nigéria e em outra vila na França, é muito diferente. Por isso tenho um tipo de respeito cético pela religião. Ela pode trazer conforto, especialmente em um país sem acesso a saúde e com uma educação precária, como vejo na Nigéria. Mas existem denominações que exploram as pessoas. Nunca acreditei que cristianismo e riqueza deveriam andar de mãos dadas, mas isso acontece. O dinheiro se torna algo que Deus te dá, não importa se Jesus não era fã de dinheiro.

Qual sua relação com a religião?

Agora me descrevo como uma pessoa que foi criada como católica. Vou à missa às vezes, estou criando meus filhos como católicos e estou feliz com o novo papa [Leão 14], porque ele parece ser humano. Estava muito interessada em quem seria o papa e, quando ouvi pela primeira vez que ele era americano, fiquei horrorizada. Há algo muito bélico e autoindulgente no americanismo. Os americanos não acham que deveriam saber sobre o resto do mundo porque têm muito poder. Minha preocupação era que o papa fosse assim, mas não é. É maravilhoso saber que ele parece estar ciente de que este é um empreendimento global. Ele passou tempo no Peru, é cidadão peruano e em seu primeiro discurso não falou inglês. Adorei. É um bom sinal.

Nos últimos anos, a polarização política se acentuou e os Estados Unidos parecem estar mais violentos. Basta olhar para o assassinato de uma deputada estadual democrata há poucos dias. Como não sentir que a batalha pelo diálogo entre pessoas diferentes está perdida?

Não está. Há muitas pessoas nos Estados

“Se você vai à missa numa pequena vila na Nigéria e em outra vila na França, é muito diferente. Por isso tenho um tipo de respeito cético pela religião”

Unidos que não apoiam este governo, que não acham que isso é o que o país deveria ser. O presidente [Donald Trump] não venceu por uma grande margem. Não é como se os Estados Unidos coletivamente decidissem que este é o caminho que quer seguir. Então, não acredito na ideia de desistir. É importante manter a ideia de que o que importa é justiça, liberdade, autonomia e dignidade. Essa loucura vai passar.

No livro, a personagem Chia conta sobre uma editora que sugere mudar sua descrição de ‘escritora africana’ para ‘negra’. Ela sente que isso não reflete sua experiência como nigeriana. Como a sra. percebe a identificação racial em sua própria vida?

Sou uma mulher negra, mas não cresci com um senso racial. Como nigeriana, cresci com um senso étnico, pensando em mim como uma pessoa Igbo. Até ir para os Estados Unidos, não pensava em raça, em ser negra. Isso foi um aprendizado. Politicamente, acho importante ter candidatos ocupando cargos porque são negros e não me desculpo por isso, porque ao longo da história americana houve ação afirmativa para pessoas brancas. Todos experimentamos o racismo, mas as histórias são diferentes. Chia está escrevendo um livro de viagem e tem um passaporte nigeriano. Se ela fosse afro-americana, não teria que lidar com dificuldade em obter vistos ou ser tratada de forma insultante em aeroportos. A distinção é uma forma de questionar essa ideia de que negro é uma coisa única nos Estados Unidos, porque não é.

Quando a sra. veio ao Brasil há cerca de dez anos, disse que estávamos negando nossa identidade racial porque não viu pessoas negras nos lugares onde esteve, mesmo que tenhamos a maior população negra do mundo depois da Nigéria. Sua percepção mudou?

Mudou um pouco, mas ainda há muita coisa não resolvida quando se trata da ne-

gritude no Brasil. Pensando objetivamente, é muito chocante que um país tenha uma população tão grande formada por pessoas de determinada raça e isso não se reflita nas imagens populares desse país. A publicidade nos diz o que um país aspira. Há dez anos, eu via menos pessoas negras na publicidade brasileira. No aeroporto, olho as revistas, ligo a TV e vejo que há um pouco mais, o que suponho ser um progresso. Mas nunca acreditei em celebrar esse tipo de progresso. Em “Americanah”, uma personagem minha diz que o racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um biscoito por reduzi-lo. Concordo com ela.

A sra. conversou com Taís Araujo na Bienal e conheceu Conceição Evaristo. Viu a forte reação da multidão quando Conceição foi apontada [ela estava na primeira fileira da mesa de abertura com as duas]. Isso diz algo sobre a evolução de nosso entendimento sobre nossa identidade também?

Não tenho nenhum biscoito na minha bolsa [risos]. Suponho que sim. Estou quase terminando de ler “Ponciá Vicêncio” e me perguntei como eu não sabia nada sobre Conceição Evaristo, porque quando vim há dez anos ninguém me disse para lê-la. Suponho que isso seja progresso, mas às vezes nos parabenizamos pelos pequenos passos que demos e esquecemos que ainda há um longo caminho a percorrer. Isso também acontece nos Estados Unidos. Os brasileiros não negros parecem estar muito mais conscientes sobre o quão importante é falar sobre a injustiça que os negros enfrentam no Brasil. Todo movimento de justiça precisa contar com os membros do grupo que se beneficia do sistema, isso é importante para que o progresso real aconteça.

E o que achou do livro?

É tão bonito. Eu achei muito comovente. Amo sua linguagem, algo que está se tornando mais importante para mim. Ficção para

mim é cada vez mais linguagem e psicologia, e achei a dela muito bonita.

A sra. disse em uma entrevista que os homens no livro são idiotas, mas que nem todos os homens são idiotas. Sua narrativa traz uma masculinidade humanizada. Um homem pode ser idiota sem intenção?

Eu disse isso? Talvez não tivesse dormido bem [risos]. A questão é que vemos esses personagens através do ponto de vista das mulheres. E me inspiro em diversas pessoas para construir meus personagens, então são familiares. Mas acho que sim, os homens frequentemente são idiotas sem saber que são. Não digo isso para desculpá-los. As mulheres são sortudas, tanto na biologia quanto na maneira como são criadas, por terem mais empatia e serem sensíveis. Em muitas culturas homens são chamados de “maricas” se forem sensíveis. Isso causa problemas. Como interessada nos direitos das mulheres e meninas, acredito que também devemos pensar sobre os homens e meninos. Não basta dizer a eles o que não fazer e o que é errado, é importante falar sobre o que podem fazer. Falar sobre isso em determinados círculos liberais é pedir para ser ignorado e silenciado.

A sra. disse que muitos jovens não estão escrevendo os romances que querem porque têm medo das repercussões e de talvez ofender alguém. Pode ser lido como uma espécie de aceitação de que os escritores são livres para serem intolerantes ou preconceituosos em sua ficção.

O problema em dizer que você não deveria escrever algo porque é preconceituoso é que precisamos questionar quem está definindo “preconceito”. Se um americano negro fala sobre racismo, a direita dirá: “você que é racista”. Porque para eles falar sobre racismo é preconceituoso. Então, deve haver liberdade completa para o trabalho criativo. A resposta para uma pessoa que escreve algo preconceituoso é que outras pessoas escrevam outras coisas. Quando começamos a censurar porque queremos censurar o ruim, no processo vamos censurar o bom e perdemos coletivamente. A gente lê livros publicados em 1950, se depara com coisas ali e pensa, “isso realmente não é muito bom.” Mas você está vendo o mundo como realmente era. Eu aprecio a verdade. Ando muito desconfiada. Não acredito em ninguém. Porque acho que as pessoas não estão dizendo o que realmente pensam, especialmente em assuntos como raça e imigração. Elas dizem o que acham que é o certo a dizer, aí depois se viram e votam no Trump. Uma sociedade que encoraja a censura não é saudável para ninguém.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É sempre uma surpresa conferir produções francesas no molde do chamado family film (trama para todas as idades) que se tornam blockbuster, como é o caso de “A Fanfarra” (“Em Fanfare”, 2024) que estreia por aqui neste fim de semana, depois de vender 2,6 milhões de ingressos em sua pátria de origem. Exibido por aqui no Festival Varilux do ano passado, essa comédia de eco dramático tem dois atores que hoje explodem no gosto popular de sua pátria - Pierre Lottin e Benjamin Lavernhe -, mas ainda não têm, por lá, o apelo que outras celebridades (Omar Sy, Virginie Efira, Dany Boon) possuem.

No entanto, na França, um tema de tom afetivo coberto no envelope da leveza emplaca bem no gosto daquela cinefilia, como se vê atualmente no êxito de “Partir Un Jour”, musical de Amélie Bonnin que abriu o Festival de Cannes, em 13 de maio. No sapatinho, em um mês, a fita, mesmo sem estrelas famosas, já vendeu 610 pagantes. O caso da trama que chega por aqui nesta quinta conta com a força de um realizador que radiografa com carinho as mazelas existenciais de sua nação.

Ator prolífico, com múltiplas aparições nas telonas desde os anos 1990, o hoje também diretor Emmanuel Courcol deu à cidade de Cannes um alento, em plena pandemia, quando o balneário teve de improvisar um formato pocket de seu festival anual (o mais respeitado do mundo), a fim de demarcar a peleja do cinema para manter suas salas abertas sob o turbilhão da covid-19.

Na ocasião, outubro de 2020, ele aceitou exibir o belo “A Noite do Triunfo” (“Un Triomphe”) no Palais des Festivals, para uma audiência mascarada, no empenho de usar a arte como um instrumento de resistência. Dois dias depois da sessão, Emmanuel Macron “fechou” o país, decretando um novo (e severíssimo) lockdown.

Antes de o confinamento entrar em vigência, a recordação dos esforços do cineasta em celebrar a luta de personagens carentes de uma segunda chance valeram a ele o respeito do evento comandado por Thierry Frémaux e o carinho de sua pátria. Não por acaso, ele voltou a Cannes, em 2024, para exibir um exercício (autoral) novo: “A Fanfarra”, que estreia agora no Rio de Janeiro. Ganhou uma vitrine paralela, fora de concurso, mas obteve aplauso e boas críticas, além de ser convidado para o Festival de San Sebastián. Da Espanha saiu com o troféu Cidade de Donostia, mimo resultante de uma votação de júri popular da mostra Perlak. Era já um indício de que pos-



Thibault Grabherr/Divulgação

Aspirante a músico, Jimmy (Pierre Lottin) pode ser a única saída para seu irmão, o maestro Thibault (Benjamin Lavernhe)

Na batuta da excelência

Sucesso de bilheteria na França, o premiado ‘A Fanfarra’ celebra a força do cinema popular europeu sob os acordes da fraternidade



Alex Abril/SSIFF

A roteirista Irène Muscari e o diretor Emmanuel Courcol ao receber o prêmio Perlak no Festival de San Sebastián

sua uma narrativa popular nas mãos. Esse indicativo confirmou-se na prática quando a longa-metragem entrou em cartaz em sua nação e virou coqueluche.

“Não sou especialista, mas posso ver que a produção francesa está se recuperando da melhor forma possível em um mercado que foi profundamente alterado pela pandemia”, disse Courcol ao Correio da Manhã, via email, enquanto preparava “A Fanfarra”. Acredito que, se o cinema quiser sobreviver, ele deve se forçar a oferecer ao público histórias generosas e inteligentes que falem a um público amplo. Acredito em um cinema de autor que seja popular e exigente, que evite o narcisismo, a autossatisfação e a autoindulgência.”

Transformado em realizador com “Cessez-le-feu” (2016), ele estabeleceu seu projeto estético nas raias da dramédia, com atenção voltada para personagens catalizadores de reações dos satélites que os cercam. Ou seja: seu cinema fala de pessoas notabilizadas por destrezas que contagiam figuras de classe sociais mais desfavorecidas de soldo a agir em prol de mudanças em seu habitat. Foi assim com o ator e instrutor de teatro carcerário interpreta-

do por Kad Merad em “A Noite do Triunfo”. É assim com o regente interpretado (nas raias do esplendor) por Benjamin Lavernhe em “A Fanfarra”. O carisma dele injeta viço a situações de fragilidade (física e mental) do maestro que interpreta, Thibault. Astro em ascensão, premiado em San Sebastián por “Quando Chega o Outono”, de François Ozon, Pierre Lottin também ilumina a cena de Courcol, numa condição de coprotagonista.

O que vemos é um ensejo de bromance, onde o prefixo bro pode ser tomado de forma literal, uma vez que se trata da formação do amor entre irmãos. Essa perspectiva afetiva se deleita no requinte sob a delicada luz construída pela direção de fotografia de Maxence Lemonnier, num acabamento técnico acima da média para produções francófonas mais comerciais.

As confusões que regem a trama, num misto de riso e dor, começam no momento em que Thibault (Lavernhe, impecável), no auge do sucesso em salas de concerto da Europa, recebe o diagnóstico de leucemia. Na luta contra a doença, ele descobre que foi adotado quando era bebê e não pode contar com a medula da irmã (adotiva), pois existe uma incompatibilidade de DNA. A solução para sua vida aparece quando é informado de que tem um irmão biológico, o assistente de cozinha Jimmy (Lottin), que gasta o seu tempo vago a ensaiar por um conjunto formado por instrumentistas amadores.

A hipótese de que Jimmy possa ser um doador instiga Thibault e o leva a buscar uma conexão fraterna. Existe, contudo, uma exigência por parte de seu maninho recém-descoberto: em troca da doação, o músico deve ensaiar o grupo de Jimmy numa releitura do “Bolero” de Ravel. A demanda é simples. Parece, pelo menos. No entanto, existem meandros sociais em jogo ali. Além de meandros ligados a um sentimento de exclusão por parte daqueles e daquelas aspirantes a artistas.

“É um filme sobre determinismo social e o choque entre a ‘grande música’, a clássica, e o mundo das bandas musicais em uma pequena cidade de classe trabalhadora no norte da França, por meio do encontro de dois irmãos com destinos muito diferentes”, diz Courcol.

Deslumbrado pela pujança de Thibault, assegurada pela graciosidade cênica de Lavernhe, o olhar de Courcol nem sempre se atenta às gesturas sentimentais de seu coro de coadjuvantes, com o erro de resvalar em pontuais caricaturas na busca pela gargalhada. Apesar disso, trata com sabedoria a angústia de dois irmãos, lotados em extremos opostos da pirâmide financeira francesa, para alcançar harmonia. Fora isso, seu desfecho apoteótico atenua os deslizes pontuais.

Blumhouse



Primeira imagem de 'O Telefone Preto 2', que estreia em 17 de outubro com fome de milhões

Caiu a ficha: terror não dá trote

Feito sob o molde Ethan Hawke de qualidade, 'O Telefone Preto', que fez fortuna em salas de projeção e hoje movimenta o streaming, ganha parte dois com estreia em outubro

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Diante da boa acolhida a "Ex-termínio: A Evolução" ("28 Years Later") no feriadão que passou e do êxito mundial de "Pecadores" ("Sinners"), de Ryan Coogler, não restam dúvidas de que a alta do terror não rende apenas experiências

estéticas autorais, mas, também, gera fortunas ao circuito. Não é à toa que em outubro, a Blumhouse, do produtor Jason Blum, vai aproveitar as semanas precedentes ao Dia das Bruxas (31/10) para badalar a estreia de "O Telefone Preto 2" ("Black Phone 2") ciente de estar fazendo um bom negócio. O primeiro, hoje pulsante na grade da Prime Video, da Amazon, rendeu uma baba. A premissa da parte dois já ar-

repi a espinha: "Morto é só uma palavra".

Vitaminado por uma receita internacional de US\$ 161,4 milhões, "O Telefone Preto" ("The Black Phone") original, de 2022, uma produção de cerca de US\$ 18 milhões, baseada em conto homônimo de Joe Hill (filho de Stephen King), é carregada pela elegância de um ator no apogeu de suas potências criativas: Ethan Green Hawke. Ele é alma desse aterrador (é realmente de fincar a unha nas poltronas do cinema!) estudo sobre o desamparo. Sua premissa lembra "M, O Vampiro de Dusseldorf" (1931), de Fritz Lang, apesar do clima (aparente) de "Stranger Things". Cabe a Hawke (dublado por Hércules Franco) ser o infanticida que assombra uma América suburbana, na Carolina do Norte, criando um dos vilões mais temerosos, ainda que mais humanizados, de uma era na qual tem sido cada vez mais difícil para a indústria cinematográfica emplacar personagens que durem para além dos créditos finais. A maneira como ele atua com máscaras, num estudo da plasticidade facial para o sombrio e para a aparente fragilidade, reporta-se diretamente à gênese da tragédia.

É um procedimento de sutilezas que só um ator com sua quilometragem poderia oferecer ao realizador Scott Derrickson. Foi Scott que transportou o terror ao terreno do realismo com o estonteante "O Exorcismo de Emily Rose", em 2005, permanecendo nesse

registro em "A Entidade" (2012) e "Livra-nos do Mal" (2014), até se arriscar entre os super-heróis, com "Doutor Estranho", um blockbuster marquete de 2016. De volta ao solo onde é expert, ele faz seu melhor filme e testa tudo o que Hawke tem. E ele tem muito.

Transportado para o Velho Oeste nos sets de "Estranha Forma de Vida", um western LGBTQIA+ de Pedro Almodóvar, atualmente na grade da MUBI, Hawke soma 98 produções em seu currículo como ator, desde sua estreia, em 1985, no longa "Viagem ao Mundo dos Sonhos". Foram "Sociedade dos Poetas Mortos" (1989) e, em seguida, "Caninos Branco" (1991) que demonstraram seu vigor cênico. Mais adiante, a parceria com Richard Linklater, em "Antes do Amanhecer" (Melhor Direção na Berlinale de 1995), atestou a aversão dele pelo rótulo de galã e seu interesse por ousadia, em múltiplas vias. Fez teatro dos bons desde então, vide sua participação em "The Coast of Utopia", de Tom Stoppard, na Broadway, em 2006. Disse "Sim!" pra Marvel e encarnou a Maldade na minissérie "Cavaleiro da Lua", enfrentando Oscar Isaac, em episódios que hoje estão na grade do Disney+. Dirigi dez títulos entre curtas, clipes, docs e o ótimo longa "Blaze", premiado em Sundance 2018. Nesse meio tempo, indicado a quatro Oscars, como coadjuvante e roteirista, estreou títulos de grifes autorais como Alfonso Cuarón ("Grandes Esperanças"), Rebecca Miller ("Maggie Tem Um Plano"), Hirokazu Koreeda ("A Verdade") e Abel Ferrara ("Zeros e Uns"). Antoine Fuqua (de "O Dia do Treinamento") e Linklater sempre têm um papel pra ele. Em fevereiro, os dois passaram pela Berlinale, em disputa pelo Urso de Ouro com "Blue Moon". Não bastasse isso, Ethan escreveu livro ("Código de um Cavaleiro") e HQ ("Indeh - Uma História das Guerras Apache").

Dessa miscelânea de projetos, Hawke leva a "O Telefone Preto" a habilidade de garantir um abismo afetivo a personagens que parecem apenas cascas. Por trás de Grabber (o Agarrador), o criminoso que sequestra crianças, aprisiona-as em um porão e as conduz até a morte numa gincana de portas, há uma série de sentimentos: da insegurança ao descontrole. E o astro de 54 anos os potencializa apenas portando uma máscara, sob a luz sem saturação (sazonalmente aberta a um chiaroscuro) do fotógrafo Brett Jutkiewicz. O que amplia as camadas do monstro é o fato de a atual vítima, Finney (Mason Thames), conseguir se comunicar com mortos em seu claustro, num toque sobrenatural que desafia a secura realista de Derrickson... e os nossos nervos, cada um deles.

Um disco classudo (e colaborativo)



Alexandre Suplicy/Divulgação

João Suplicy celebra parcerias musicais em álbum de duetos cantando com as filhas, com Ney Matogrosso e outros convidados

Por **Afonso Nunes**

Eclético em suas trajetória musical, João Suplicy nunca teve problemas de transitar musicalmente entre o samba e o rock, o blues e o baião e o que mais surgir. O cantor e compositor paulistano lança nesta quinta-feira (26) seu novo álbum. Com lançamento do selo Biscoito Fino, “Duets” se desvia da autoridade para um trabalho de intérprete e, como o nome já entrega, incorpora novas vozes, confirmando sua vocação para a colaboração artística.

O artista explica que este álbum materializa um projeto que nasceu de sua paixão pessoal por determinadas canções e se transformou numa celebração coletiva da música popular, reunindo vozes de diferentes gerações e estilos em torno de um repertório eclético que transita entre clássicos internacionais e uma pérola da MPB.

O Correio ouviu o trabalho antes de seu lançamento e confirma a maturidade do trabalho que acerta tanto nas escolhas criteriosas para os duetos quanto na elegância refinada dos arranjos, criando um conjunto coeso.

O processo criativo do disco revela as mudanças de rumo que frequentemente enriquecem os projetos artísticos. Inicialmente, Suplicy planejava um álbum de versões para o português de compositores como Irving Berlin, Carole King, Bob Marley, George

Harrison e Elton John. “Cheguei a fazer as versões, algumas misturando inglês e português, mas como o processo de liberação no exterior é lento, decidi seguir por outro caminho e gravá-las em inglês, mesmo”, explica o artista. A solução encontrada foi justamente o que deu personalidade ao projeto: “Quería que elas tivessem um toque diferente, que soassem interessantes pra mim: daí veio a ideia dos duetos.”

A diversidade de parceiros musicais espelha a amplitude do repertório escolhido. Ney Matogrosso empresta sua voz inconfundível para “Samba e amor”, de Chico Buarque, a única canção brasileira do trabalho, numa combinação que surpreendeu o próprio Suplicy. “Admiro muito o Ney. Ele me disse que adorava essa música, mas que nunca havia cantado antes. A música do Chico é super intimista e a voz do Ney, nesse registro mais grave, combinou demais.”

O rapper Rael participa de “Waiting in vain”, de Bob Marley, enquanto Frejat empresta seu “vozeirão” para “That’s Life”, de Dean Kay e Kelly Gordon. “Blues tem tudo a ver com o Frejat, né? Ficou incrível”, comenta Suplicy, evidenciando como cada parceria foi pensada considerando as características vocais e o universo artístico de cada convidado. Hugo Rafael assume o dueto em “If it’s Magic”, hit de Stevie Wonder, completando um leque masculino que abrange diferentes gerações e estilos musicais.

As vozes femininas ocupam



João Suplicy se impõe como intérprete ao investir num repertório afetivo que mescla clássicos da música brasileira, francesa e dos EUA em duetos sofisticados

espaço significativo no álbum, com participações que vão desde veteranas como Zélia Duncan até representantes de uma nova geração de intérpretes. Duncan, por quem Suplicy declara ser “super

fã”, canta “Cheek to Cheek”, clássico de Irving Berlin. Já as cantoras mais jovens ficaram com standards igualmente consagrados: Vanessa Moreno interpreta “Fly me to the Moon”, de Bart Howard; Camil-

la Marotti assume “Your song”, de Bernie Taupin e Elton John; e Manda canta “Something”, de George Harrison. Kell Smith participa de “La Vie en Rose (Sonho pra viver)”, clássico de Édith Piaf que surge em versão para o português, enquanto Coral divide os vocais em “Ela”, versão de “She”, de Charles Aznavour e Herbert Kretzmer.

O momento mais pessoal do álbum acontece em “You’ve Got A Friend”, de Carole King, gravada com as filhas do músico, Laura e Maria Luiza Suplicy. “Realmente me emociono bastante com essa. Na verdade, todas as participações deste álbum são especiais e me deixaram muito feliz”, confessa o artista, revelando como o projeto transcendeu o aspecto puramente musical para se tornar também um registro afetivo de suas relações pessoais e artísticas.

A direção musical ficou a cargo de Jorge Helder, arranjador requisitado por grandes nomes da MPB como Chico Buarque, Dori Caymmi e Maria Bethânia. “Jorge Helder é um super craque e montou um dream team para gravar comigo”, destaca Suplicy, referindo-se à formação que incluiu Mú Carvalho nos teclados, Marcelo Costa na percussão, Jurim Moreira na bateria e Milton Guedes na gaita. O próprio Helder tocou baixo em algumas faixas, enquanto Suplicy contribuiu com o violão, instrumento que serviu como ponto de partida para muitos arranjos. “Muitas coisas partiram do meu violão, da forma como eu já tocava essas músicas: o Jorge foi criando a partir disso, com muita categoria.” Categoria que João Suplicy retribuiu com seu talento e integridade artística neste disco classudo feito a várias mãos e vozes.

A pergunta que abre o espetáculo “Velocidade” ecoa como um desafio aos tempos atuais: e se fosse possível desacelerar o tempo? A décima criação do grupo mineiro Quatroloscinco – Teatro do Comum, em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, surge como uma resposta cênica à hiperconectividade e ao consumismo que caracterizam a vida contemporânea num desafio à lógica da urgência e do imediatismo.

A concepção dramatúrgica de Assis Benevenuto e Marcos Coletta, sob direção do cineasta Ricardo Alves Jr. e Ítalo Laureano, estrutura-se de forma inusitada como um livro teatral. Essa arquitetura narrativa não linear reflete a própria proposta do espetáculo: abandonar a linearidade tradicional em favor de uma construção por imagens, rastros de memória e lapsos entre realidade e imaginação. O elenco formado por Rejane Faria, Michele Bernardino, Ítalo Laureano, Marcos Coletta e Assis Benevenuto conduz o público por essa jornada sensorial que questiona fundamentalmente nossa relação com o tempo.

A experiência teatral inicia-se de forma provocativa, com seis minutos de áudio que o espectador ouve na escuridão completa. “Esse é o nosso convite inicial para desacelerar, baixar a bola, deixar o tempo decantar, desafiar a ansiedade, habitar outro tempo da imagem”, explica Coletta sobre essa abertura que já estabelece o tom contemplativo da obra. Essa estratégia cênica funciona como uma espécie de desintoxicação digital, forçando o público a abandonar a velocidade cotidiana e mergulhar em outro ritmo temporal.

O ponto de partida conceitual veio do ensaio “Notas sobre os doentes de velocidade”, da escritora mexicana Vivian Abenshushan, mas a dramaturgia expandiu-se através do diálogo com outras referências significativas. O livro “Oráculo da Noite”, de Sidarta Ribeiro, textos de Paul Preciado e o filme “Poesia Sem Fim”, de Alejandro Jodorowsky,



Rejane Faria, Michele Bernardino, Ítalo Laureano, Marcos Coletta e Assis Benevenuto exploram o conceito de corpo coletivo na montagem de ‘Velocidade’, que questiona nossa relação com o tempo contemporâneo

O tempo repensado

Grupo mineiro Quatroloscinco apresenta manifesto cênico contra a aceleração do tempo no CCBB Rio

contribuíram para a construção dessa peça-livro-sonho que desafia convenções narrativas. O resultado é uma montagem que opera por associações poéticas, onde cada cena convida o espectador a suspender a lógica do imediato e experimentar outras durações, ruídos e silêncios.

“Não nos prendemos a uma história linear ou à lógica dramática. É uma peça mais onírica, poética, onde brincamos de acelerar e dilatar o tempo”, revela um dos atores, sintetizando a abordagem experimental do grupo. Essa liberdade formal permite que o espetáculo explore diferentes temporalidades cênicas, criando momentos de aceleração e desaceleração que espelham as contradições da experiência temporal contemporânea.

O design cênico, assinado por Luiz Dias e Carol Manso, materializa o conceito de livro teatral através de uma mesa central que funciona como página, onde os títulos dos quadros são escritos e apresentados ao público. Essa solução cenográfica reflete a necessidade de transformação constante que o espetáculo demanda.

“Essa ideia de uma peça-livro-sonho necessita que o espaço, os figurinos e os objetos de cena possam ser transformados. Não pode ser aquele cenário fixo, pesado, que imprime apenas uma ideia”, argumenta Benevenuto sobre a dinâmica visual da montagem.

A direção de movimento de Kenia Dias fortalece a ideia de coralidade e corpo coletivo, característica fundamental do trabalho do Quatroloscinco. A opção por manter cinco intérpretes em cena reafirma o compromisso do grupo com o teatro colaborativo, posicionando-se contra a tendência atual de solos e duplas que dominam os palcos brasileiros. Essa escolha estética também se alinha com a proposta conceitual da obra, que questiona o individualismo contemporâneo em favor de experiências coletivas.

O projeto expande-se além das apresentações teatrais através de atividades formativas que ampliam o diálogo com diferentes públicos. No dia 5 de julho, um bate-papo com os artistas acontecerá logo após a apresentação, oferecendo ao público a oportunidade de aprofundar questões levantadas pelo espetáculo. Nos dias 7 e 8 de julho, o grupo conduzirá a oficina “A palavra em cena: habitar o texto”, voltada a artistas profissionais ou em formação, estudantes de teatro e interessados em experimentar a linguagem cênica. Com oito horas de duração e classificação indicativa de 16 anos, a oficina propõe investigações sobre o manejo da palavra falada e suas diferentes camadas de sentido, através de leituras, exercícios e criação de micro cenas.

SERVIÇO

VELOCIDADE

Teatro I do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Até 13/7, de quarta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.